
BEM-VINDO AO MUCURIPE (1597-1614)

Jônatas Gomes Silva

Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará. Email:

jonatasgomes135@hotmail.com

BEM-VINDO AO MUCURIBE (1597-1614)**BIENVENUE À MUCURIBE (1597-1614)**

Jônatas Gomes Silva

RESUMO

A apropriação europeia do espaço litorâneo cearense no século XVII ocorreu através do descobrimento, utilização e ocupação dos portos naturais da costa do estado do Ceará. Entre estes portos destacam-se o do Mucuripe e o da Foz do Rio Ceará, tendo em vista que esses são muito citados nos documentos históricos, foram importantes portos de escambo na costa setentrional do Brasil e em suas proximidades ocorreram às primeiras ocupações europeias perenes do estado do Ceará. O estudo destes fatos, sob a ótica da Geografia Histórica pode revelar novos aspectos do princípio da colonização do Ceará e da ocupação da futura cidade de Fortaleza.

PALAVRAS-CHAVE:

Geografia Histórica, Escambo, Colonização do Ceará, Mucuripe.

RESUMÉ

L' appropriation européenne de l'espace du littoral du Ceará au XVIIe siècle a arrivée après la découverte, l'utilisation et l'occupation des ports naturels existentes dans la côte de la province du Ceará. Dans ces ports ont evidence le Port du Mucuripe et le Port de la embouchure de le Fleuve Ceará, une fois que ils sont beaucoup cités dans les documents historiques, pour se detacher comme importantes ports de trocs localisés dans la côte setentrionalle du Brésil et dans ses voisinages ont arrivée les premières occupations européennes pérennes de la province du Ceará. L'étude de ces faits, sous le point de vue de la Géographie Historique, peut révéler nouveaux aspects sur le commencement de la colonisation du Ceará et de l'occupation de la future ville de Fortaleza.

MOTS-CLÉS: Géographie Historique, Troc, Colonisation de Ceará, Mucuripe.

INTRODUÇÃO

Embarcações francesas e holandesas que durante os séculos XVI e XVII viajavam pelas proximidades da zona equatorial do Continente Americano, algumas vezes, visitavam a costa do atual estado do Ceará. Alguns dos tripulantes desses navios vinham a costa mencionada com a intenção de empreender alguma espécie de exploração e, para isto, entravam em contato os nativos. Indígenas e europeus realizavam um comércio de escambo de “produtos americanos” (madeiras, animais exóticos, algodão e outros) por “produtos do velho mundo” (manufaturas, ferramentas de metal e outros).

Como Portugal havia reclamado as terras correspondentes ao atual estado do Ceará como parte de seu território colonial, qualificou este comércio como pirataria e saqueamento das reservas de suas colônias e, por isto, tentou reprimi-lo.

Tendo em vista que os relatos das visitas de navios franceses e holandeses ocorridas na enseada do Mucuripe são pouco conhecidos, e que alguns estudos referentes aos relatos conhecidos são vítimas de visões preconceituosas, o presente artigo apresentará alguns relatos conhecidos e outros inéditos de viajantes que visitaram a referida enseada, com o intuito de propor uma análise mais abrangente e menos preconceituosa da colonização sofrida na enseada do Mucuripe e do Ceará. O período histórico analisado compreenderá os anos de 1597 a 1614, esse intervalo correspondente a maior presença de franceses no local.

PRIMEIROS RELATOS DE VIAJANTES SOBRE A ENSEADA DO MUCURIBE

Durante os séculos XVI e XVII, o território do atual estado do Ceará foi apropriado, inicialmente, por Portugal mediante o tratado de Tordesilhas. Nos anos seguintes, através do sistema das capitanias hereditárias, o território foi dividido e doado a particulares o direito a explorá-lo. Entretanto, o malogro da implantação dessas capitanias hereditárias suscitou que durante o século XVI, as terras cearenses não fossem efetivamente incorporadas à política colonial portuguesa.

O fato acima descrito contribuiu para que o território cearense se tornasse uma zona de pouca vigilância e também de pouco trânsito pelos lusitanos. Tal situação favoreceu a presença e o aumento das atividades de navios franceses e holandeses que procuravam evitar confrontos com os portugueses, comercializar com os nativos e desenvolver alguma espécie de exploração.

Neste contexto, a enseada do Mucuripe foi visitada várias vezes por franceses e holandeses tendo ainda o seu nome gravado de diferentes formas nos relatos: André Thevet a cita como Marcourout, Jan Bautista Syens de Moucuru, Cajonen de Mokoroe, Hendryck Hendryckssen Cop e Claes Adrienseen Cluyt de Moccouru ou Mockeroe, Le Cerf de Maucouro e Claude d'Abbeville de Moucouro.

PRIMEIRAS CITAÇÕES DOS PORTUGUESES SOBRE O MUCURIPE

Uma das primeiras citações lusitanas que remete ao Mucuripe foi, segundo Thomas Pompeu Sobrinho (1945, p. 192), redigida com o nome de “Macorie” no “mapa das Capitanias” de 1574. Este mapa está contido no atlas de Luis Teixeira denominado “Roteiro de todos os sinais, conhecimentos, fundos, baixos, alturas, e derrotas que há na costa do Brasil desde o cabo de Santo Agostinho até ao estreito de Fernão de Magalhães”. Em outro mapa de Luis Teixeira, encontrada na Biblioteca Nacional da França, o Mucuripe está registrado sob a forma de “Macuripe” (TEIXEIRA, 1590).

O Mucuripe também é citado no “Tratado descritivo do Brasil em 1587, de Gabriel Soares de Sousa”. Este autor informa que “Do Rio do Parcel á enseada do Macorive (Mucuripe) são onze leguas, e esta na mesma altura, a qual enseada é muito grande e ao longo d'ella navegam navios da costa; mas dentro em toda tem bom surgidouro e abrigo.” (SOUSA, 1851, p.23). Numa segunda copia deste tratado, encontrado por Barão de Studart em Portugal, o Mucuripe está registrado como Mocuripe (STUDART, 1906, 222). Uma terceira cópia do tratado, encontrado na Biblioteca Nacional da Espanha, inscreve-a como Macoripe (SOUSA, 1587, p. 6).

Jacques de Vau de Claye

Um dos primeiros documentos que mostram a presença francesa na costa setentrional do Brasil seria o mapa de Jacques de Vau de Claye de 1579. Este mapa é famoso por suas figuras de antropofagia e pelo plano francês de conquista do Brasil.

Quanto ao território cearense no mapa de Claye, existe a predominância de topônimos de origem portuguesa, não muito diferente de outros mapas lusitanos da época. Isto revela que os franceses estavam cientes dos conhecimentos portugueses da costa

setentrional brasileira. E, observando o fato de que algumas aldeias no Ceará estão localizadas no mapa, indica que ocorreu algum contato entre os franceses e os indígenas.

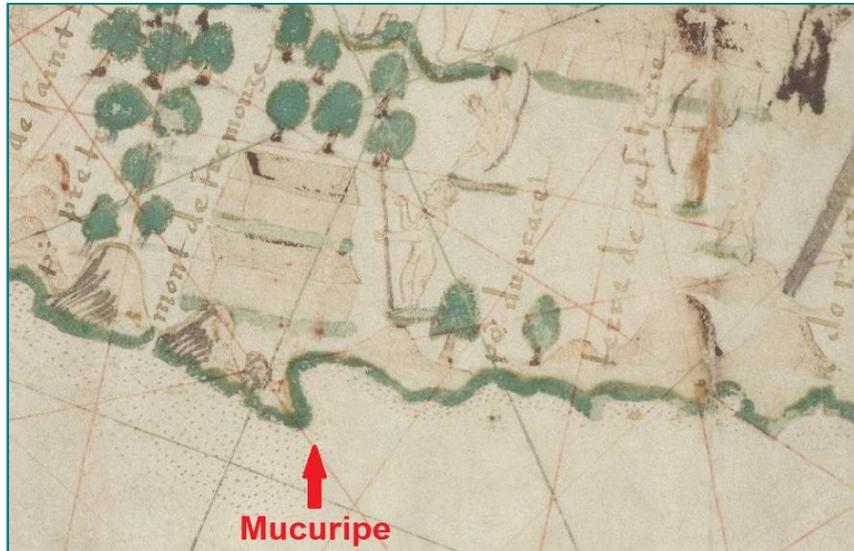


Fig. 1 - O Mucuripe no mapa de Jacques de Vau de Claye.
Fonte: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b550026193>

Na cartografia de Jacques de Vau de Claye, o Mucuripe está provavelmente localizado na posição indicada na figura 1. Nesta posição há um topônimo pouco legível, sendo que Anthiaume identifica-o como o topônimo “Angrado negros” (1916, p. 573). Este topônimo é o mesmo “G. dos negros” que Guarino Alves de Oliveira identifica no mapa Terra Brasilis como sendo o Mucuripe (1989, p. 146). Na posição indicada no mapa está representada uma aldeia indígena.

André Thevet

Outro documento que registra a presença francesa na costa setentrional do Brasil seria o roteiro do cosmógrafo André Thevet. Este, foi um famoso escritor do Brasil Francês, autor de "Les singularitez de la France antartique", "Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil" e "La cosmographie universelle d'André Thevet, cosmographe de Roy".

O roteiro em estudo está contido no manuscrito "Relation de deux voyages faits par André Thevet aux Indes australes et occidentales". Em 2006, o manuscrito foi publicado no livro "Histoire d'André Thevet Angoumois, Cosmographe du Roy, de deux voyages par luy faits aux Indes Australes, et Occidentales. Edition critique par Jean-Claude Laborie et Frank Lestringant". Abaixo transcrevemos a parte do roteiro que é dedicado a costa cearense:

Suivant la route, et voye du Sud, vous vous appercevés bien tost après d'une autre riviere, qui est à droit, appellée Camoucy, depuis laquelle jusques à celle de la tortuë, qui la suit, à la mesme terre il peut y avoir un degré, et non plus, sçavoir dix sept lieuës, et demie, de laquelle jusques à la riviere, et país de Fernambourg, et Aylicou, lon conte vingt trois lieuës. Passé que vous estes, allant tousjours au Sud Sueste, à neuf lieuës delà, vous apparoist un certain forillon sur une petite colline, nommé en langue des sauvages **Morcourout**, qui peut ester distant des montagnes de Volture, autrement dites des habitans Vitaverab, qui peuvent estre distantes de soixante et cinqu lieuës de Morcourout. En cét endroid la terre est plaisant. Dix lieuës du rivage de la mer se voyent des montagnes, le sommet desquelles est luisant comme fin or. Et de fait les Sauvages tiennent y avoir mines d'or, et d'argent. De ces montagnes dorées procede la source d'une large riviere, laquelle ayant fait son cours, et arrousé plusieurs país d'une roideur incroyable, vient en fin à la province dite Vupha, d'où elle porte le nom. Et là commence le país des cruels, et vrais Canibales, appelés en langue des Barbares Tapouys. Bien tost après qu'estes passé, entre les deux costaux, sillonnant la mer, vous voyés une autre riviere, nommée Januarran, du nom de certain animal, duquel le país est peuplé, qui porte ce mesme nom, continuant la route du Nort au Sud, et Su Suest. (THEVT, 2006, p. 123-124, grifo nosso)

Esse relato é anterior ao ano 1590, já que esta é a data de falecimento do autor. Neste documento o Mucuripe é citado como sendo uma pequena colina que na língua dos nativos se chama "Morcourout", essa colina deve tratar-se das dunas que ficam na ponta da enseada do Mucuripe.

Cajonen

Franceses que frequentaram a costa do estado do Rio Grande do Norte, tendo inclusive feito alianças com tribos de índios potiguares locais, em 1597, sofreram uma grande derrota que culminou no estabelecimento do Forte dos Reis Magos na foz do Rio Grande

pelos portugueses. Alguns franceses e índios potiguares que lá viviam foram obrigados a se retirar da região e após seis semanas de viagem se fixaram no Mokoroe (Mucuripe).

Cajonen foi um desses migrantes e cujo depoimento foi colhido, em 1600, por Jan Bautista Syens, sob o título “Declaração de Cajonen”. Transcrevemos o seu relato a seguir:

Déclaration de Cajonen

A Pieran sud arrive du grand bois de 100 lieues à l'intérieur de la forêt et du petit bois des environs d'un village Harandon, entre Pieran sud et Oratapyca, situé auprès d'une rivière que les sauvages appellent Phernambuco, parce qu'il y a du bois de Phenambuco.

A Potte sud il y a du petit bois de Brésil, dans la forêt Lepetu, à 1 ½ ou 2 lieues de la côte. Quand Potte sud fut pris, en 1597, par les Portugais, Cajonen et sa compagnie se retirèrent parmi les cannibales. Ils furent six semaines en route. Ils passeront cinq rivières, dont la quatrième se nomme zuponim, la cinquième Rio de Cannibales ou parmi les cannibales Sianwaryppe. Après celle-ci vient encore une petite rivière nommée Warrayppe, puis Epparopojap, puis Awaranne et ensuite **Mokoroe**.

A Rio Cannibale ou Sianwaryppe on ne trouve que du bois jaune, noir et rouge, huile balsamique, coton et poivre. Peu d'ambre gris, noir, blanc, et de chrysolithe dite hytasyonwe.

A Cabo Blanco, on embarque poivre, bois jaune, coton et fil de coton, hamacs et perroquets. C'est là qu'ont habité les cannibales. Il y a un endroit nommé Conoore, une montagne contenant de l'or. De Mokoroe à Cabo Blanco on a passé 3 ou 4 rivières, dont l'une, à 24 lieues de Mokoroe, s'appelle Parahype et les Français l'appellent Alicoe. (CAJONEN apud GERRITZ, 1907, p. 170, grifo nosso).

A identidade deste Cajonen ainda não foi devidamente esclarecida. Pesquisadores como Barão de Studart (1923, p.338) e Benjamim Teensma (2007, p.80) identificam-no como sendo um índio, enquanto outros, como Lodewijk Hulsman, identifica-o como tendo origem francesa (2012, p. 34).

O mapa de Jean Guerard

São conhecidos muitos poucos mapas da costa nordeste do Brasil gerados a partir de conhecimentos geográficos adquiridos através de expedições ou relatos franceses. Provavelmente o mapa francês da costa cearense mais notável, que sobreviveu ao tempo, seria a Carte de l'Océan Atlantique faite en Dieppe par Jean Guerard em 1631. Neste belíssimo exemplar cartográfico o Mucuripe encontra-se retratado como Moncuru.



Figura 2: Recorte da carta do Oceano Atlântico feita por Jean Guerard em 1631.

Fonte: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55007067q>

Jean Lecoq

Em 1597, ocorreu a visita do francês Jean Lecoq ao Maucouru (Mucuripe). O seu relato foi proferido em 23 de fevereiro de 1599 e, foi publicado por Philippe Augustin Célestin Barrey no livro “Le Havre-Maritime du XVIe au XVIIe siècle”.

Jean Lecoq, du métier de maréchal, allant ordinairement en mer, demeurant à Dieppe, atteste qu'il s'était embarqué dans le navire du capitaine Emmanuel Ménart, de Dieppe, vers Noël 1597, en intention de faire voyage au Brésil. Etant arrivé avec l'équipage à **Maucouru**, en la côte des Cannibales, avaient dressé une forge à terre pour servir aux affaires du navire, et y ayant besogné quelque temps fut forcé et contraint par Nouel Gouppil, Jacques Le Chouleur, de Dieppe, étant en lad. terre du Brésil déjà depuis long-temps, de demeurer avec eux pour besogner dud. métier de maréchal, ce qu'il aurait fait durant quatre mois pour éviter qu'ils ne l'offensassent, vu les violences et menaces qu'ils lui faisaient et même le voulaient tuer s'il s'absentait d'avec eux. Ce qui a été juré et attesté par Galobye Lecroq, du Havre, du métier de la mer, lors étant en lad. terre du Brésil, y demeuré du voyage du capitaine Ollive, pour avoir ouï dire auxd. Gouppil et Le Chouleur comme ils avaient débauché et forcé led. maréchal à demeurer avec eux, néanmoins que led. Lecoq ne l'eût voulu faire de sa volonté.

Comme aussi s'est présenté Yvon Guillou, capitaine de navire, demeurant au Havre, naguère de retour avec son navire la Levrette du voyage du Brésil, qui, de sa bonne volonté, atteste qu'il avait embarqué dans sond. navire, gracieusement et libérale volonté em lad. terre du Brésil, tant led. Lecoq, Lecoq que Pierre Touzey, de Dieppe, pour les repasser par deçà suivant la supplication qu'ils lui en avaient faite. Auquel Guillou iceux Gouppil et Le Chouleur s'étaient adressés avec menaces de le vouloir tuer et offenser s'il embarquait led. maréchal, faisant journellement plusieurs mauvais comportements avec autres leurs adhérents en lad. terre du Brésil. (LECOQ, 1599, apud BARREY, 1917, p. 115, grifo nosso).

Jean Lecoq embarcou no navio do capitão Emmanuel Ménart, de Dieppe, no Natal de 1597, com a intenção de fazer uma viagem ao Brasil. Seu navio chegou em Maucouru na costa dos canibais. Colocou em terra uma forja, para servir aos afazeres do navio e, após um tempo, entrou em desentendimento Nouel Gouppil e Jacques Le Choulleur, ambos de Dieppe. Estes últimos já estavam a um longo tempo no Brasil. O relato continua focado neste desentendimento.

Jan Bautista Syens

Não somente os franceses estavam interessados na costa setentrional brasileira, os holandeses também estavam empreendendo viagens àquela costa e, no ano de 1600, ocorreu à visita de um destes. Tratava-se do comerciante Jan Bautista Syens que visitou o Moucuru (Mucuripe). O navegador permaneceu 25 dias naquele local e, durante este tempo, gerou dois documentos valiosíssimos para a história cearense: O Journal de Jan Bautista Syens, d'Amsterdam, (de son voyage) à Moucuru en 1600 (SYENS apud GERRITZ, 1907) e a Déclaration de Cajonen.

Em 21 de novembro de 1600, Jan Bautista Syens aportou na enseada do Mucuripe. No dia seguinte recebeu do líder do país a permissão para visitar a terra. Dezenove índios vieram a bordo do navio trazendo algumas galinhas e fios de algodão, recebendo presentes em troca. O cacique ainda lhe cedeu uma escolta e o comerciante construiu um abrigo na terra.

Syens em sua expedição a terra de Moucuru estava acompanhado por dois marinheiros, Andries e Cornelis e pelo já mencionado Cayone (Cajonen). Este último, viveu entre os índios do Rio Grande e suas indicações e as declarações dos indígenas foram registradas na “Declaração de Cajonen”. No dia 23, os visitantes, acompanhados pelos nativos, penetraram o interior do país. Naquele mesmo dia chegaram a uma grande aldeia onde encontraram cinco mil índios que lá estavam reunidos porque temiam um ataque de seus inimigos, provavelmente portugueses. Os nativos deram muitas provas de amizade aos visitantes, inclusive, cada estrangeiro recebeu uma mulher. À noite os visitantes deixaram a grande aldeia para ir passar a noite na aldeia do chefe indígena principal do local.

No dia seguinte, Syens e a companhia foram averiguar uma serra que continha uma rocha que, pelas declarações dos nativos, muito se assemelhava as esmeraldas. Uma vez

no topo da serra, encontraram a rocha que tinha a cor verde igual às esmeraldas e estava num bloco de alabastro branco. Como não tinham ferramentas para minerar a rocha tiveram que desistir e retornaram ao litoral.

Thomas Pompeu Sobrinho argumenta que “a montanha, sem nenhuma dúvida é a serra de Maranguape, em cujo cimo se tem realmente encontrado água-marinha, incrustada em veieiros brancos de pegmatita”. Esta “água-marinha” era as esmeraldas de Syens. Pompeu acrescenta que na coleção mineralógica do Instituto do Ceará possui “uma pequena amostra de água-marinha encravada num bloco de pegmatita, proveniente de um pico” da serra de Maranguape. (POMPEU SOBRINHO, 1945, p.190)

Após retornarem ao litoral, Syens realizou escambo com os nativos. Os índios ofereceram aos holandeses a tatajuba, que é uma madeira corante amarela usada na indústria de confecção. Não foram oferecidos âmbar nem bálsamo que eram os produtos mais desejados nessa expedição. O navio de Syens deixa o Mucuripe no dia 15 de dezembro de 1600, com um carregamento de apenas 45 toras de tatajuba.

Pero Coelho de Sousa e o padre Luis Figueira

Em 1603, Pero Coelho de Sousa empreende uma bandeira com o objetivo de conquistar os territórios ao norte da capitania do Rio Grande do Norte. Após seis meses, a bandeira conquistou um território que se estendida desde o rio Jaguaribe até a serra da Ibiapaba. O território conquistado por Pero Coelho foi denominado de Nova Lusitânia e a colônia por ele criada de Nova Lisboa. (CAMPOS MORENO, 1907, p.210).

Barão de Studart informa que a colônia de Nova Lisboa localizava-se nas margens da foz do Rio Ceará, apenas alguns quilômetros da enseada do Mucuripe. Studart também informa que foi construído um forte de taipa denominado São Tiago. (STUDART, 1923, p.272).

Durante o tempo em que Coelho permaneceu no Ceará, ele e seus soldados tentaram impedir o comércio de franceses e holandeses com os índios do Mucuripe.

Ali nos três anos que digo aportaram muitos piratas que com aqueles índios comerciavam e carregavam muitos navios de algodões e pimenta malagueta, muitos bichos, como Papagaios, Bogios, Saguins e muito pau a quem os índios chamam Uburatiara que é o melhor que até agora se há descoberto em todo o Brasil, por ser como damasco, e também carregavam pau de tinta tatagiba com algum âmbar. (MORENO, 1905, p.67-68).

A tentativa de colonização de Pero Coelho de Sousa no Ceará fracassou devido a vários motivos, tais como: falta de apoio governamental, escassez de recursos financeiros, a decisão real de dar liberdade aos índios por ele capturados, captura de índios aliados, perda de aliança com as tribos locais e o não cultivo de alimentos de subsistência.

O governador geral Diogo Botelho vendo o fracasso do capitão-mor Pero Coelho de Sousa em manter a paz com os índios do território por ele “conquistado” resolve empreender uma nova tentativa de estabelecer a paz com os nativos, o que se concretizaria com o envio, em 1607, dos padres Francisco Pinto e Luis Figueira àquele território. No entanto, esta iniciativa acabou por fracassar em 1608, devido ao assassinato do padre Francisco Pinto na Ibiapaba e a mudanças no quadro político da época.

O comerciante Hendryck Hendryckssen Cop e o capitão Claes Adriaenssen Cluyt.

Sem a vigilância portuguesa no Mucuripe, ocorreu em 1610, a visita do navio que transportava o comerciante Hendryck Hendryckssen Cop e o capitão Claes Adriaenssen Cluyt, responsáveis pelo relato citado abaixo:

Moccouru

Mockeroe est une place sur la côte nord du Brésil, à 3 degrés 52 minutes latitude sud, ou, d’après la carte du trafiquant Hendryck Hendryckssen Cop, à 4 2/3 degrés. On y trouve comme approvisionnements: des pommes de terre, des poules, des faisans, du bois jaune et de l’ambre gris; puis de l’eau fraîche, mais seulement à grande distance.

Le vent d’est-nord-est y est vent de travers. Mouillé à 4 brasses, on a 4 hautes montagnes entre l’ouest et le sud-ouest-quart-sud. Le pays se reconnaît facilement. (COP e CLUYT apud GERRITZ, 1907, p. 161)

O capitão Claes Adriaenssen Cluyt relata que Mockeroe é um lugar na costa norte do Brasil, a 3 graus e 52 minutos, ou segundo a carta do comerciante Hendryck Hendryckssen Cop, á 4 e 2/3 graus. Tem como produtos: batatas, galinhas, faisões, madeira amarela e âmbar gris; água fresca pode ser obtida apenas a uma grande distancia.

O Mapa Anônimo

O Manuscrito de Hessel Gerritiz contém uma serie de perfis da costa cearense, de autoria anônima. Nestes perfis o litoral da futura cidade de Fortaleza está registrado desde a enseada do Mucuripe até o Rio Ceará. A figura 2 mostra este perfil traduzido para a língua

francesa. Na carta são detalhadas as elevações, a localização dos recifes, profundidade da enseada onde os nativos pescavam e o local onde foram embarcadas as mercadorias.

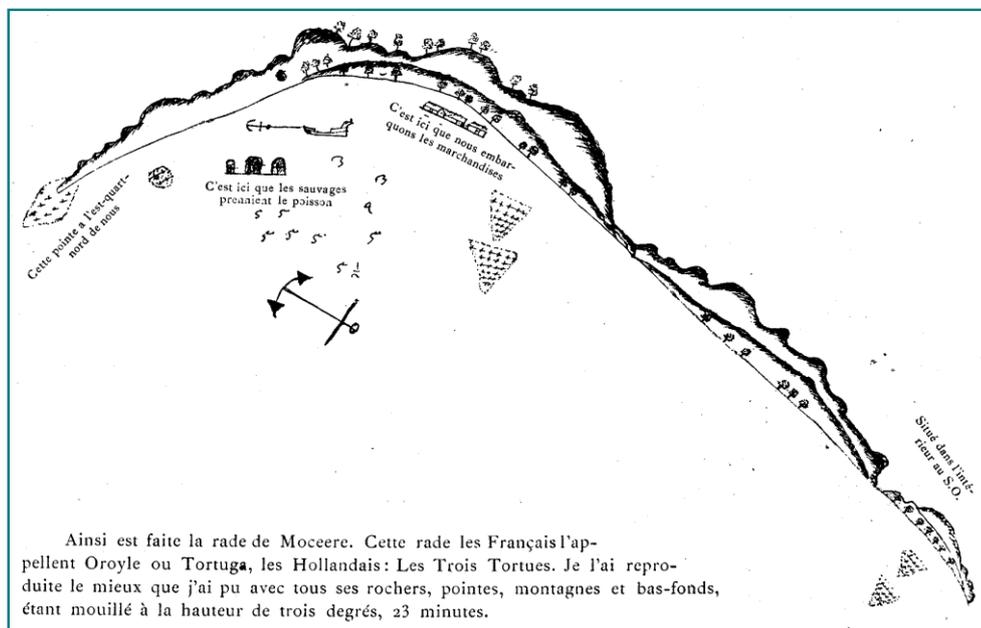


Fig. 3 – Mapa holandês anônimo do litoral de Fortaleza, traduzido para o francês.
Fonte: GERRITZ, 1907, p. 131.

Martim Soares Moreno

Devido a notícias do aumento da atividade de franceses na costa setentrional do Brasil, os lusitanos perceberam que era necessário conquistar o Maranhão para não perdê-lo. Nessa conquista foi necessário restabelecer as alianças com os nativos da costa cearense, para que futuramente, estes servissem de apoio àquela conquista. A pessoa que detinha as condições de restabelecer essas alianças era Martim Soares Moreno. Este havia servido como soldado na bandeira de Coelho e cultivara amizades entre os índios locais, principalmente com o cacique Jacaúna. Diogo de Campos Moreno acrescenta que Martim Soares Moreno:

[...] e chegou a salvamento ao Siará. Donde fundou Igreja a Nossa senhora do Amparo, e fez hum forte capaz de duzentos homens, soldados, e moradores, e nelle com amizade, e fé de Jacaúna. O qual fez vir alojar-se meia legoa do forte com a sua Aldêa. (CAMPOS MORENO, 1907, p.214).

Diogo de Campos Moreno visitou, no ano de 1614, esta fortificação que se localizava as margens da foz do Rio Ceará, e informa que ela chamava-se Nossa Senhora do Amparo (1907, p.233). Anos mais tarde, esta fortificação seria conhecida pelo nome de São Sebastião, pois, existem cartografias holandesas que a denominam desta maneira (STUDART, 1923, p.179).

Martim Soares Moreno também reprimirá as visitas de navios estrangeiros nas proximidades do forte e, para isso, terá ajuda dos indígenas.

Alli no ditto anno (1612) degollei mais de duzentos francezes e flamengos piratas e lhe tomei 3 embarcações donde uma dellas veio a Sua Magd. a esta Cidade toda a proa e papa douradas e para fazer estes assaltos me despia nú e me rapava a barba tingindo de negro com um arco e frechas ajudando-me dos Indios fallando-lhes de contino a lingoa e perguntando-lhe o que já sabia bem fazer. (MORENO, 1905, p. 69).

O navio Le Pélican

Temos a notícia do ataque ao navio francês Le Pélican no porto de Maucouro, local que Francisco Adolfo de Varnhagen, em “Historia geral do Brasil”, sugeriu a hipótese de que possa ser o Mucuripe fortalezense. Varnhagen encontrou este relato através do livro de Henri Compans-Ternaux intitulado “Notice historique sur la Guyane française”. Este último, encontrou o relato a partir do documento “Remonstrance très-humble en forme d’advertissement, que font au Roy et a nosseigneurs de son conseil les capitaines de la marine de France” que foi publicado na França, no início do século XVII e que registra casos de ataques a navios franceses ocorridos principalmente no “Novo-Mundo”.

O relato conta que o capitão David Paul do navio Le Pelican, com tripulação de 32 homens, enquanto comercializavam com os nativos no porto de Maucouro foram surpreendidos pelos portugueses e que acabaram mortos, sendo depois seus corpos devorados pelos indígenas. O único que escapou do massacre foi Le Cerf que foi preso e mandado a Lisboa.

Depuis, le capitaine David Paul de Dieppe et 32 hommes de son équipage dans un nauiere nommé le Pélican, traficquant avec les sauvages du Brésil, au port de **Maucouro**, fut luy et seize de ses gens tuez par les Portugais, leur corps donnez à manger aux sauvages, hormis un nommé Le Cerf, lequel fut sauué pour son mestier de mareschal; mais à l’instant mis aux fers, et tenu de ceste façon l’espace d’un an, puis renuoyé à Lisbonne, où il fut tenu prisonnier, ainsi enferré 13 mois durant, au bout desquels il fut condamné à estre pendu, ce qui eust esté executé sans la requeste des Religieux de la Miséricorde qui luy sauvèrent la vie. (REMONSTRANCE, 1843, p. 73. grifo nosso).

O relato não apresenta data para o ocorrido, mas, aparentemente, foi entre os anos de 1609 a 1612, pois, foi encontrado entre relatos datados desse período. Este acontecimento pode ser o mesmo citado na carta do governador geral Dom Diogo de Menezes ao Rei no ano de 1611, onde se menciona o ataque a um navio francês no Ceará, e que após a tripulação desembarcar em terra, foi toda morta pelos nativos (MENEZES, 1909). O relato também pode

ter ocorrido em 1612, devido às semelhanças deste com o já citado relato de Martim Soares Moreno.

Claude d'Abbeville

Franceses liderados por La Ravardière e Charles des Vaux tentaram, em 1612, criar uma colônia francesa no Maranhão. Para este intento, procuraram o apoio real francês e, após consegui-lo, trouxeram soldados, colonos e quatro padres capuchinhos para criarem a França Equinocial no Maranhão.

Claude d'Abbeville foi um desses padres capuchinhos. Ele escreveu o livro “Histoire de la mission des Pères capucins en l'isle de Maragnan et terres ciconvoisines”, onde conta suas experiências na criação da França Equinocial.

O navio que levava os capuchinhos da França para o Maranhão no dia 11 de julho de 1612, por volta das doze horas, navega em frente à enseada de Moucouru (D'ABBEVILLE, 1614, p.56). O navio francês segue seu caminho sem aportar no Moucouru e, após alguns dias, chega ao Maranhão onde é iniciada a evangelização dos índios e é dada continuidade a colonização francesa.

D'Abbeville passou quatro meses no Brasil e retornou à França com o objetivo de conseguir mais apoio para o desenvolvimento da colônia francesa no Maranhão. O capuchinho levou consigo para a Europa seis indígenas que representavam várias tribos aliadas dos franceses no Brasil. Três dois seis ameríndios, Carypyra (Caripira) ou François, Patovã (Patuá) ou Jacques e Manen (Maném) ou Antoine, falecem devido a doenças. Os outros três ameríndios Itapoucou (Itapucu), mais tarde Louis Marie, Ouãroyio (Uruajó), chamado posteriormente de Louis Henri, e Japouây (Japuaí), cujo o nome passou a ser Louis de Saint Jean, foram batizados solenemente na Igreja dos Capuchinhos, pelo Monsenhor Arcebispo de Paris, ganhando os nomes mencionados e casaram-se com mulheres francesas (DAHER, 2007).

Yves d'Évreux

O capuchinho Yves d'Évreux, companheiro de D'Abbeville, escreveu o livro “Voyage dans le nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614”, que conta os

acontecimentos ocorridos na colônia francesa após a ida de Abbeville à França.

Os lusitanos, cientes dos boatos sobre a presença francesa no Maranhão, enviam Martim Soares Moreno àquela região para averiguar. Chegando ao Maranhão, Moreno tenta entrar em contato com índios que haviam emigrado do Mocourou (Mucuripe) para lá. O padre Yves d'Évreux conta que os portugueses traziam consigo índios canibais moradores em Mocourou e parentes de outros de mesmo nome, vindos do Mocourou, e que estavam refugiados no Maranhão. Os índios foram mandados a terra para tomar conhecimento e posteriormente, informar se na ilha do Maranhão havia muitos franceses, se estavam fortificados e se tinham canhões.

Or ces Portuguaiz auoient auec eux des *Canibaliens* Sauuages qui habitent em *Mocourou*, & parens des *Canibaliens*, qui sont refugiez à *Maragnan*, qu'ils ennoyent a terre pour prendre cognoissance, & sçauoir s'il y auoit dedans l'Isle multitude de François, & s'ils estoient fortifiez, & auoient du canon. (EVREUX, 1864, p.34, grifo do autor)

A causa da migração de parte dos índios residentes no Mocourou para o Maranhão é explicada devido aos maus tratos que os indígenas sofreram durante a permanência de Pero Coelho em território cearense. Os maus tratos aos indígenas são citados na Relação do Maranhão do Padre Luis Figueira.

Uaruajó mais tarde Louis Henri

A história do índio Uaruajó (Uruajó), que foi um dos seis índios que viajaram para a França junto Claude d'Abbeville, é particularmente interessante para a história do Mucuripe. Ele é nativo da aldeia de "Mocourou" e levando em conta o relato do capuchinho Yves d'Évreux (1864, p.34) de que parte da tribo que residia no "Mocourou" (Mucuripe) havia se refugiado no Maranhão, podemos supor que o índio Uaruajó pertencia a parte da tribo do Mucuripe que emigrou para o Maranhão.



Fig. 4 - Índio Uaruajó (Louis Henri) da aldeia de Mocourou vestido à moda francesa.
Fonte: Claude d'Abbeville, 1945.

O capuchinho Claude d'Abbeville comenta o seguinte sobre este indígena:

Do Segundo Índio Chamado Uaruajó, Mais Tarde Luis Henrique
O segundo índio chama-se **Uaruajó**. É natural da aldeia de Mocuru (Mocourou segundo a edição francesa de 1614) e filho de **Uirau Pinobuí**, pássaro azul sem penas na cabeça, principal do lugar. O nome de sua mãe, natural da mesma aldeia, era **Uaiaeiró**, penacho de penas. Tem êle vinte anos de idade mais ou menos; é muito alegre, mais claro que os outros, de rosto bem feito e mais parecido com o de um francês do que com o de um selvagem estrangeiro. De inteligente viva, começa a compreender nossa língua e nossos escritos. É uma árvore que principia a dar flores e frutos e dela podemos esperar muito. (D'ABBEVILLE, 1945, p.276-277, grifo do autor).

CONFRONTO NO MOUCOUROU

Os franceses investem contra o domínio português no Ceará, em 15 de junho de 1614. Tratava-se de um navio sob o comando de Du Prat, que trazia trezentos homens e doze missionários capuchinhos para a colônia do Maranhão. Desta vez, 80 soldados franceses desembarcam no Mocourou, com o intuito de tomar o forte do Siara. Os soldados franceses foram reprimidos graças às ações do Padre Baltazar João Correia, as quais os obrigaram a retornarem ao navio (STUDART, 2001, p.12-13). Esta luta é citada na “*Chronologie Historique des Capucins*, feita pelo reverendo Padre Philippe de Paris em 1630”:

[...] após haver navegado durante dois meses e meio, [eles] chegaram a uma ilha da região chamada Moucourou, no domingo, 15 de junho, onde alguns soldados desembarcaram; e encontraram obstáculos que não nos prognosticaram nada de bom; eram alguns portugueses e um padre secular que incitava os índios contra os franceses, e houve choque, e nossos soldados entenderam que os portugueses, mais fortes que os franceses, tinham o propósito de apropriar-se da costa do Maranhão e de recharçar os franceses, o que fez com que nossos padres conjecturassem que não haveriam de lograr grandes frutos nessa missão, já que havia duas nações desejosas de assenhorear-se dessas regiões. (PHILIPPE, 1630, apud DAHER, 2007, p.67)

Após o fim do combate foi travada uma correspondência em latim pelo referido o padre Baltazar João Correia com o frei Agatângelo de Pembroch do navio francês. Esta correspondência foi publicada por Barão de Studart em “Datas e factos para a História do Ceará” (2001, p.13-15).

A derrota sofrida pelos franceses no Mucuripe, em 1614, iria ser a primeira de uma série de derrotas que culminará no fim da França Equinocial e das tentativas francesas em conquistar o território do atual estado do Ceará.

CONCLUSÃO

Finda a exposição dos fatos apresentados, chegamos a conclusão de que, inicialmente, ocorria um livre comércio entre nativos do Mucuripe e os navegadores franceses e holandeses. Entretanto, os portugueses fizeram tudo que podiam para reprimir este comércio de ocorrer, o que culminou nas tentativas de conquista e fixação no território do Ceará que foram a bandeira de Pero Coelho de Sousa (1603 a 1604), a criação da colônia de Nova Lisboa (1604 a 1606) e a construção do Forte de Nossa Senhora do Amparo, também conhecido por Forte de São Sebastião (1612 a 1637).

Também foi observado neste trabalho que os navegadores franceses e holandeses desconheciam o nome Ceará e que denominavam o território do futuro município de Fortaleza, pelo nome da enseada do Mucuripe. O topônimo Ceará se tornará famoso após o ano de 1612, devido principalmente à construção do forte de Nossa Senhora do Amparo, nas margens do Rio Ceará. É provável, que se os portugueses não tivessem interferido nas ações dos referidos navegadores, o nome Ceará não ocuparia a posição que tem hoje, denominando um dos estados do Brasil.

Para concluir, temos a dizer que ainda há do que pesquisar sobre a história da enseada do Mucuripe, referente ao período em que os franceses estiveram disputando o domínio sobre a referida enseada, e este trabalho objetivou contribuir para diminuir a lacuna bibliográfica referente ao tema.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família por todo apoio que sempre tem me dedicado. Também agradeço a Karla Meneses Farias, J. Terto Amorim, Levy Pereira e Vera Feijão pelos conselhos e incentivos. Um agradecimento especial a revista Bilros pela publicação deste humilde texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTHIAUME A. **Cartes marines. Constructions navales. Voyages et découvertes chez les Normands (1500 – 1650).** Paris, Dumont, 1916, vol. II.

BARREY, Philippe Augustin Célestin. **Le Havre-Maritime du XVIe au XVIIe siècle,** Paris: Librairie Hachette & Cie, 1917. Disponível em: <<http://archive.org/details/lehavremaritimed00barruoft>>. Acessado em: 16 de julho de 2013.

CAMPOS MORENO, Diogo de. Jornada do Maranhão. **Revista do Instituto do Ceará.** Fortaleza. n. 21. p. 209-330. 1907.

D'ABBEVILLE, Claude. **Histoire de la mission des Pères capucins en l'isle de Maragnan et terres ciconvoisines.** França. A Paris de l'imprimerie de François Huby. 1614. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b86057861>>. Acesso em: 08 de set de 2013.

_____. **História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças.** São Paulo. Livraria Martins Editora. 1945.

DAHER, Andrea. O Brasil francês. **As singularidades da França Equinocial.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. Tradução de Les Singularités de la France Equinoxiale. Paris: Éditions Honoré Champion, 2002.

EVREUX, Yves. **Voyage dans le nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614.** Leipzig: Librairie A. Franck, 1864. Disponível em: <<http://purl.pt/115>>. Acesso em: 04 jul. 2013.

FIGUEIRA, Luis. Relação do Maranhão. **Revista do Instituto do Ceará.** Fortaleza. n.17.p. 97-40, 1903.

GERRITZ, Hessel. Journaux et nouvelles tirées de la bouche de marins hollandais et portugais de la navigation aux Antilles et sur les côtes du Brésil. Manuscrit de Hessel Gerritsz traduit pour la Bibliothèque Nationale de Rio de Janeiro par E. J. Bondam. **Annaes Da Biblioteca Nacional,** Rio de Janeiro, vol. XXIX, p. 97-179, 1907. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_029_1907.pdf>. Acesso em: 18 de mai de 2014.

GUÉRARD, Jean. **Carte [de l'Océan Atlantique] / faite en Dieppe par Jean Guerard,** 1631. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55007067q>>. Acesso em: 16 de jul de 2013.

HULSMAN, Lodewijk, O comércio holandês com índios do Ceará. In: **O Siara na nota dos neerlandeses**, 2012, p. 27-46 Acesso em: <<http://www.bookess.com/read/14473-o-siara-na-rotta-dos-neerlandeses/>>. Disponível em: 01 de Set de 2013.

MENEZES, Diogo de. Carta de Dom Diogo de Menezes a El-Rei sobre a conquista do Maranhão. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza. n. 23. p. 66-69. 1909.

MORENO, Martim Soares. Relação do Seará. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza. n. 19. p. 67-75. 1905.

OLIVEIRA, Guarino Alves de. Primeira Viagem Portuguesa ao Maranhão e Explorações da Costa Oriental. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza. n. 62. p. 143-172. 1989.

POMPEU SOBRINHO, Thomas. Topônimos indígenas dos séculos 16 e 17 na costa cearense. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza. n. 59. p. 156-205. 1945.

REMONSTRANCE très-humble en forme d'advertissement, que font au Roy et a nosseigneurs de son conseil les capitaines de la marine de France. **Nouvelles annales des voyages et des sciences géographiques**, tome 97, 4ème série, Paris, 1843, Arthus Bertrand, t.1. Disponível em:

<<http://books.google.com.br/books?id=hdkBAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR>>. Acesso em: 16 de jul de 2013.

SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert. 1851. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01720400>>. Acesso em: 15 de jul. 2013.

_____. **Roteiro geral com largas informações de toda a costa que pertence ao estado do Brasil e a descrição de muitos lugares dela, especialmente da Baía de Todos os Santos**, 1587. Disponível em: <<http://catalogo.bne.es/uhtbin/cgiirsi/0/x/0/05?searchdata1=a5033275>>. Acesso em: 01 de Set de 2013.

STUDART, Barão de. Achegas a geographia do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza. n.20. p. 220-228. 1906.

_____. **Datas e factos para a História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. Tomo I. [Fac-símile da edição de 1896].

_____. Geographia do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza. n.37. p. 160-384. 1923.

TEENSMA, Benjamin. **Roteiro de um Brasil Desconhecido**. Kapa Editorial, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2007.

TEIXEIRA, Luis. **Fragment d'une carte nautique représentant les côtes de Amérique centrale et de Amérique du sud sur l'Océan Atlantique et sur l'Océan Pacifique**, 1590. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b5901084n>>. Acesso em: 01 de set de 2013.

TERNAUX-COMPANS, Henri. **Notice historique sur la Guyane française**, Paris, Firmin Didot Frères, 1843. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=wWU6AAAACAAJ>>. Acesso em: 08 de set de 2013.

THEVET, André. **Histoire d'André Thevet Angoumois, Cosmographe du Roy, de deux voyages par luy faits aux Indes Australes, et Occidentales. Edition critique par Jean-Claude Laborie et Frank Lestringant**. Genève: Librairie Droz S.A. 2006.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **Historia geral do Brasil**. Tomo 1. Madrid, Impresa da V. de Dominguez. 1854.

VAU DE CLAYE, Jacques de. **Carte de la côte du Brésil**, 1579. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b550026193>>. Acesso em: 16 de jul de 2013.

Artigo recebido em março de 2015. Aprovado em outubro de 2015.